



A construção do nacional: Entre a conciliação de L.S. Senghor e a revolução de Frantz Fanon no Congresso de Artistas e Escritores Negros de 1959.

GUSTAVO DE ANDRADE DURÃO *

Pretende-se realizar um breve debate sobre os projetos de nação presentes nos textos de Léopold Sédar Senghor e Frantz Fanon, escritores atuantes no âmbito colonial da metade do século XX. Além da importância da trajetória política e intelectual na ambiência colonial senegalesa e argelina, em especial, estes dois pensadores estavam profundamente inseridos no debate dos estudos literários, políticos e filosóficos produzidos nos grandes centros metropolitanos europeus.

De acordo com o pensador marxista Eric Hobsbawm (HOBSBAWM, 1989:15) as nações foram definidas com base em critérios mais ou menos comuns como a língua, a etnia ou uma combinação de critérios como um território comum, os traços culturais semelhantes e outros mais.

Percebendo-se também que o nacionalismo está fortemente atrelado ao Estado Nacional, através da análise de Guiberneau (GUIBERNEAU, 1997: 11) tem-se elementos interpretativos importantes para compreendermos a construção do nacional nos espaços político-sociais africanos. Ainda de acordo com a autora há dois tipos de abordagens principais para se pensar o nacionalismo, de um lado têm-se um viés de ideologia incorporado ao nacionalismo e de outro, já um nacionalismo mais especificamente elaborado como identidade para constituir os traços culturais e espaciais de um povo.¹

Embora sejam inúmeras as análises acerca do nacionalismo, a centralidade eurocêntrica destas análises sempre dificultou a questão da interpretação do nacionalismo para os Estados africanos. Pode-se dizer que a análise de Benedict Anderson (ANDERSON, 2008: 26-34) alterou significativamente a interpretação reificada que era conferida ao nacionalismo, quando desenvolve o conceito de comunidade imaginada no livro de mesmo nome.

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação de História Comparada da UFRJ, Mestre em História Social (UNICAMP)

¹A perspectiva de Guiberneau é fundamental para compreender-se o nacionalismo nos territórios africanos, pois, na visão destas duas percepções de nacionalismo há um traço mais político na primeira e uma característica mais cultural na segunda percepção da ideologia nacional. In: GUIBERNEAU, Montserrat. Nacionalismos – O estado nacional no século XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 11.

A diferenciação essencial que Anderson realiza, e que é importante no caso de pensarmos as realidades africanas, é de que o nacionalismo é uma “condição nacional”, que foi estabelecida com propósitos diversos, mas que representa a necessidade de estabelecer-se “produtos culturais específicos”. É justamente esta empreitada de remontar as “origens históricas” dos países e territórios que se imaginam unificados e coesos, que caracterizarão o nacional “de uma legitimidade emocional tão profunda” (ANDERSON, 2008: 30).

Analisar a construção nacional no campo da produção intelectuallimita-nos a exemplos e modelos europeus, o que dificulta a percepção dos casos dos países africanos. Contudo, é importante ressaltar que o nacional esteve muito atrelado ao cultural, necessitando de uma justificativa ideológica para a sua permanência.

Como ressaltou Abiola Irele (IRELE, 1965: 18), o surgimento de um “nacionalismo cultural” se deu no caso africano, a partir da movimentação política-intelectual da *Négritude*, onde se pode perceber a busca dos elementos culturais comuns aos negros. Sendo assim, na perspectiva do autor nigeriano tem-se o fato de que a partir da década de 1940, os escritores da *Négritude* forjaram uma análise que buscava a união e identificação do negro africano através de sua herança racial e cultural.

É que a Négritude acusou um caráter de movimento pan-negro que ultrapassou o quadro estreito da situação africana; o que ela tem de singular, é que ela se propõe como uma visão do homem negro no universo. É dizer que além dos contingentes históricos que o viram nascer, o conceito de Négritude evoluiu em um sentido de uma filosofia racial. (IRELE, 1965: 43)

Tomando por base a análise de Irele (IRELE, 1965: 43) tem-se que uma rica discussão sobre o Movimento da *Négritude* proporcionou para a interpretação do nacionalismo como algo forjado por novas elites africanas que acabaram incorporando aspectos ideológicos do Movimento para dentro dos Estados Nacionais africanos que estavam se reformulando.

Como tem ocorrido por parte da filosofia de matriz africana, acredita-se que seja importante recuperar-se a *Négritude* como elemento de análise fundamental para compreender-se um viés da construção do projeto nacionalista para a África de língua francesa. Através do artigo de Léopold Senghor “Éléments constitutifs d’une civilisation

d'inspiration négro-africaine” é possível coletar interpretações importantes para a análise desse construto nacional-ideológico.²

Elementos de construção da nação segundo Senghor.

Léopold Sédar Senghor (1906-2001) foi um importante intelectual senegalês, que junto com o guianês Leon Gontram-Damas e o martiniquenho Aimé Césaire, organizaram o Movimento da *Négritude* no seio do ambiente cultural parisiense. Com uma trajetória intelectual fortemente ligada ao pensamento marxista e aos estudos culturais, Senghor utilizou-se do conceito de *négritude* como uma maneira de oposição ao discurso europeu que preconizava a inferioridade intelectual do negro-africano.

Vale apontar que dois periódicos foram de fundamental importância para a constituição teórica da *négritude*: a revista-manifesto *Légitime Défense* (1932) e a *L'Étudiant Noir* (1939) que reuniu as obras dos principais integrantes da *négritude*, como o *Cahier d'un retour au pays natal* de Aimé Césaire (NDIAYE, 2008: 380-384).

Estes escritores desenvolveram poucos debates profundos (e em larga escala) sobre o tema da nação durante o período do entre-guerras, sendo somente na década de 1950 com os Congressos dos Artistas e Escritores Negros que eles se projetaram no diálogo que abrangia do étnico-cultural ao nacional (KESTELOOT, 2003: 207-228). Pode-se perceber que o que estava em questão era o sistema colonial e os seus mecanismos de cerceamento da liberdade, sobretudo, na crítica que estes escritores realizaram ao sistema de assimilação.

A escolha pela apresentação de Senghor no Congresso de Artistas e Escritores Negros de Roma em 1959 é fundamental por representar uma retomada do conceito de *négritude*, por parte do referido intelectual. Por isso a importância de recortarmos a fala do pensador senegalês neste congresso, com a comunicação intitulada “Elementos Constitutivos de uma civilização de inspiração negro-africana” (Elements constructifs d'une civilisation d'inspiration négro-africaine).

O primeiro ponto que se pretende levantar, diz respeito ao que Senghor aponta como cultura. Para ele a cultura é, sobretudo, o espírito de uma civilização, ou seja, as leis que

²Elementos constitutivos de uma civilização de inspiração negro africana.

regem a cultura negro-africana (SENGHOR, 1959: 249). Vale dizer, que o sistema de ensino nas colônias difundia amplamente a ideia de que não havia uma civilização africana, e isso é exemplificado pela expressão encontrada nos livros didáticos franceses que pregavam a célebre afirmação “nossos ancestrais os gauleses”.

Em sua fala, Senghor lembra os seus referenciais teóricos sobre raça e civilização, explicitando que para ele um estaria ligado ao outro, já que em sua visão a cultura negra possuía determinadas especificidades. Interessante perceber que ele cita o etnólogo haitiano Jean Price-Mars na sua definição de raça sendo um “agrupamento de homens apresentando um conjunto de caracteres físicos e hereditários comuns.” (SENGHOR, 1959: 251)³

De acordo com Senghor o primeiro ponto para se compreender a cultura africana é compreender o conjunto de valores referentes aos negro-africanos, onde a raça ocupa um local privilegiado na unificação desses caracteres. Há uma grande possibilidade de que Senghor estivesse falando dos cultos religiosos, da arte africana e dos modos de produção africanas para inserir o que ele define como “cultura africana” no debate cultural universalista, que dialogava com os teóricos europeus e africanos.

O segundo ponto relevante faz referência à crítica que ele faz da assimilação francesa, identificando o problema e ao mesmo tempo propondo a sua solução.

O branco europeu se distingue do seu objeto. Ele se mantém a distância, ele se imobiliza, se fixa. Munido de instrumentos de precisão, ele lhe disseca em uma análise imperdoável. Animado de uma vontade de poder, ele fere o outro e em um movimento centrípeto, ele cria um meio de lhe utilizar a seus fins práticos. Ele lhe assimila. (SENGHOR, 1959: 255)⁴

Esta afirmação sobre a assimilação faz referência ao papel do colonizador francês, em relação ao negro-africano. Aqui o escritor senegalês expõe um pouco da dominação que o francês impõe ao africano, exaltando que a pior assimilação é a cultural, que buscava apagar totalmente a cultura do outro. Pode-se dizer que Senghor aborda a assimilação como uma espécie de simbiose, não deixando de responsabilizar o indivíduo negro nesta relação.⁵

³(Tradução livre do autor) Jean-Price Mars foi um notável etnólogo haitiano que influenciou fortemente os intelectuais da négritude que valorizavam os caracteres étnico-culturais dos negro-africanos. Foi o autor de *Ainsi parla L’Oncle* (Assim falou o Tio).

⁴(Tradução livre do autor)

⁵Na análise comparatista este ponto a análise de Senghor se assemelha a de Fanon, em “Os condenados da Terra”, como se verá adiante.

Há uma forte tendência dos etnógrafos do início do século XX no pensamento de Senghor, e talvez, por isso, ele exalte tanto as especificidades culturais do negro, usando a ideologia da *négritude* como “carro chefe” para tal tarefa. Pode-se perceber que através do pensamento do escritor Abiola Irele, que quando Senghor aborda um pouco a relação entre *négritude* e assimilação, ele tem um êxito considerável.

Em uma análise preliminar tem-se que “a assimilação se apresentou no quadro colonial como uma política de aculturação imposta” (IRELE, 1965: 43). Ainda segundo o pensador nigeriano foi justamente esta política, fundada sob o postulado da superioridade da civilização ocidental (desvalorizando totalmente o passado das culturas nativas), que criou essa imposição da estrutura político-social européia destina às novas elites para que estas se apropriassem e reproduzissem uma perspectiva de distanciamento do passado pré-colonial africano.

Com base nestas análises levanta-se a hipótese de que Senghor pode ter percebido essa tentativa e lutou constantemente contra uma das principais consequências do processo de assimilação: a alienação.

Muito cedo, nós tomamos consciência no nosso íntimo que a assimilação era um problema; nós podíamos assimilar as matemáticas ou a língua francesa, mais nós não podíamos nos livrar das nossas peles negras ou nos desfazer das nossas almas negras. E por consequência, nós nos lançamos numa busca fervorosa do Santo Graal: nossa alma coletiva. (IRELE, 1965: 44)

Assim, fica bastante evidente para esta análise, que o “Santo Graal”, era a *négritude*, e que no contexto histórico ela representava uma crítica à assimilação no campo cultural. Dito de outra forma, para Senghor, somente através da percepção das especificidades culturais do negro-africano, com a ideologia da *négritude*, seria possível o desmantelamento ideológico da assimilação, que tinha através da alienação, sua característica mais nefasta.

Esta perspectiva é central à medida que demonstra, primeiramente, a possibilidade de questionamento do sistema colonial, através do discurso do próprio colonizado, onde Senghor foi um autor-ator importante.

Vale dizer ainda, que o divulgador da *négritude* possuía em seu discurso os elementos para a crítica ao aparato colonial, mesmo que no campo político ele não tenha tomado posturas enérgicas contra a participação francesa no Senegal no processo de independência.

Acredita-se que a crítica à assimilação foi um passo importante para que se iniciasse um projeto nacional para os países africanos, ou mesmo para as bases de um nacionalismo. Ainda tomando a *négritude* como a base para uma especificidade dos negro-africanos temos a afirmação de Senghor na conferência de 1959, em Roma:

Eu não tenho como dar conta de outra maneira da nossa especificidade, desta négritude, que é 'o conjunto de valores culturais do mundo negro', incluindo os americanos, e o que Sartre definiu como uma 'certa atitude afetiva a respeito do mundo'(SENGHOR, 1959: 256).⁶

De certo modo, a *négritude* de Senghor trás os princípios dos valores culturais que definem um grupo, com valores étnicos mais ou menos semelhantes (e por vezes com características universalizantes), de acordo com a sua teoria. Acredita-se que seu discurso estivesse voltado para uma elite intelectual negra de todo o mundo e que de algum modo ele intencionava uma unificação do pensamento valorativo para os povos negros. Imagina-se, nesse momento, que Senghor estivesse conceitualizando a *négritude* como algo transnacional construindo uma narrativa que possibilitasse compreender suas ideias mais adiante.

O terceiro ponto de nossa análise diz respeito à construção do ideal nacional, onde Senghor explica melhor suas noções políticas. O elemento central da análise do intelectual da *négritude* é sempre o cultural, e sua fala no Segundo Congresso de Artistas Escritores Negros em Roma destaca muito bem este papel. No seu discurso, Senghor, já tratava a *négritude* na sua nova definição de um “humanismo de inspiração negro-africana”.

Os Estados estão se tornando independentes e o que os artistas negros farão de sua autonomia? O que farão os povos negros de sua liberdade recuperada? (...) O imperialismo cultural é a forma mais perigosa de colonialismo, nós esquecemos às vezes: ele obscurece a consciência. (SENGHOR, 1959, 275)⁷

A subjetividade do pensamento de Senghor certamente deixou-o distante de seus pares na construção de um projeto nacional, entretanto, o trecho acima, exalta a sua principal preocupação: o aprisionamento da consciência em relação aos valores impostos pelo colonizador.

⁶(Tradução livre do autor)

⁷(Tradução livre do autor)

Senghor estava se posicionando diante do seu público, que na sua maioria eram grandes pensadores do mundo negro e do pan-africanismo, como um humanista e de certa maneira sua narrativa pedia apoio de uma intelectualidade negra.

De maneira geral, Senghor aposta na perspectiva de que a civilização negro-africana é social e humanitária, por princípio. Ele buscava apoio dos artistas para a luta de descolonização, que ele entendia como uma atitude que deveria ser intrínseca aos escritores negros.

De uma maneira bem pontual, Senghor evoca o artista negro-africano a ocupar o seu papel de interlocutor no plano da política, na valorização dos elementos culturais e nos processos de gerenciamento dos territórios de toda África Ocidental Francesa.

Caracterizando a assimilação como uma espécie de herança histórica que deveria ser ultrapassada, Senghor buscou coadunar uma elite intelectual para a busca da liberdade (de consciência) nos processos de independência e libertação colonial. “Pertence a ele (o artista) a tarefa de chamar os políticos à política, à administração da cidade, não mais do que um aspecto da cultura, sobre a forma de assimilação que é a pior de todas (SENGHOR, 1959:278)”.⁸

Ratificando os males deixados através do sistema de assimilação Senghor expõe que ainda havia muito que se fazer no campo cultural, que na verdade, para ele, auxiliaria no processo de construção de um Estado Nacional, para os países africanos.

Vê-se na argumentação do pensador senegalês, algumas de suas próprias teorias em forma de conclusão:

(...) Entretanto, nessa confrontação, nessa simbiose, o homem deve estar no centro de nossas preocupações. Nós não abatemos um Estado Moderno, pelo prazer de abater (...)

*A ação não tem fim em si. Nós nos tomamos assim, de uma vontade de poder que endeusou o Estado, que esmaga o homem sobre o Estado. Ele (o artista negro) trata, definitivamente, de fazer o homem negro em uma humanidade que caminha para uma realização total, no tempo e no espaço (SENGHOR, 1959: 276).*⁹

Senghor também se posiciona como um líder político ciente das dificuldades que serão enfrentadas quando conclui que para que ocorresse a independência seria necessário alcançar-

⁸(Tradução livre do autor)

⁹(Tradução livre do autor)

se a liberdade total, ou seja, para ele “independência real não é somente dos povos, mas ainda das pessoas”.(SENGHOR, 1959: 276)

Fanon e a rejeição ao “mundo cultural”

A presente análise diz respeito ao papel do nacional para o pensador martiniquenho Frantz Fanon mostrando como este percebe a formação do que se caracteriza como “cultura nacional”. O capítulo quatro de “Os condenados da Terra”(FANON, 1961), pois, é justamente onde foram analisados os elementos de análise importantes para a cultura e para a nação. Além disso, esse ensaio é de fato a transcrição da fala de Fanon no Segundo Congresso de Artistas e Escritores Negros de 1959, em Roma.

Este foi o mesmo encontro em que Senghor abordou “os elementos constitutivos de civilização africana”, e foi onde, provavelmente estes escritores se encontraram e dialogaram.¹⁰

No capítulo Fanon abordará o problema da “legitimidade da reivindicação de uma nação” (FANON, 2006:240) e é sabido que a grande parte da produção escrita de Fanon serviu de base para muitos pensadores do anticolonialismo. Neste capítulo, Fanon não mede esforços em expor os métodos mais utilizados pelo colonialismo, para perpetuar seus mecanismos de dominação.

O autor expõe que há um determinado humanismo por detrás da colonização que trabalha contra a construção do ideal nacional, ou seja, segundo ele “é preciso ter a convicção de que o colonialismo é incapaz de proporcionar aos povos colonizados as condições materiais suscetíveis de fazê-los esquecer a sua preocupação com a dignidade. (FANON, 2006: 241).”

É possível pensar que este colonialismo colocado em questão é, especificamente, o colonialismo francês, que através da ideologia da assimilação dos nativos, se apresentava como uma forma humana de colonização, aparentemente, suscetível a compreender os valores e necessidades dos povos africanos.

¹⁰Na perspectiva comparatista o cruzamento destes dois ensaios de Senghor e de Fanon nos trazem ricos elementos de análise sobre a questão nacional.

Ao longo de sua fala o pensador africano do anticolonialismo, acaba expondo a dificuldade dos políticos africanos de se desfazerem dos ideais emprestados de nação da metrópole e que aqueles que não fazem desta maneira acabam remontando um passado pré-colonial idealizado.

Admito que todas as provas que poderiam ser dadas da existência de uma prodigiosa civilização songai não mudam o fato de que os songais de hoje sejam subnutridos, analfabetos, jogados entre céu e água, cabeças vazias, olhos vazios. (FANON, 2006: 242-243)

É importante compreender o uso que Fanon faz da História, lembrando que os políticos africanos deveriam utilizá-la de modo mais objetivo, não só trazendo o conhecimento dos valores do passado, mas percebendo, sobretudo, os elementos que auxiliam a construção real do passado.

É possível notar que Fanon está colocando em cheque o fascínio que a história dos povos africanos exerce nos intelectuais colonizados, como ele mesmo caracteriza. De maneira mais clara, ele define o passado histórico como um projeto para o futuro. “A reivindicação de uma cultura nacional passada não reabilita apenas, não justifica apenas uma cultura nacional futura (FANON, 2006: 243).”

Fanon lembra no decorrer de sua análise o que já nos é bastante frisado, de que o colonialismo trabalhou para apagar todo o passado anterior à presença do colonizador europeu e que com isso, cumpriria uma função de realizar uma “alienação cultural”.

Tem-se que a fala de Fanon representava a quebra com a ideologia de uma elite colonial que acreditava realmente no potencial de redenção do colonialismo.

De modo provocativo, mas fundamentalmente interessante Fanon lembra que o movimento literário da *négritude* foi uma movimentação de escritores negros que não esteve envolvida com o ideal nacional.

Importante mostrar que a *négritude*, segundo Fanon, ocupou um papel de valorizar o negro-africano, sobretudo, quando questionava a suposta condição de inferioridade intelectual dos negros.

O conceito de negritude, por exemplo, era a antítese afetiva, senão lógica, desse insulto que o homem branco fazia à humanidade. Essa negritude lançada contra o desprezo do branco se revelou, em certos setores, como único fator capaz de derrubar interdições e maldições. (FANON, 2006: 246)

Através do discurso de Fanon podemos encontrar a referência à *négritude* de maneira positiva, em um primeiro momento, visto que ela foi uma movimentação importante, que não pode ser rejeitada nas análises de África, sobretudo, no que tange ao contato colonial.

Se em um segundo momento do texto ele vai criticá-lo (o conceito) fortemente, foi porque o próprio conceito de *négritude* se baseou nos dualismos que contrapõem razão à poesia, lógica à natureza, fato que Fanon caracterizou em seu texto, uma atitude definida como irresponsável (FANON, 2006: 246).

Fanon retomava a crítica da *négritude*, mas no primeiro momento de seu discurso pareceu não encontrar os elementos da nação no movimento, a não ser o que ele próprio caracteriza como “Mundo Negro”, ou seja, o traçado de linhas de forças idênticas aos negros que militam por situações de igualdade político-cultural no mundo todo (FANON, 2006: 246-247).

Gostaria de expor os elementos que Fanon apresenta como problemáticos para a construção de um nacionalismo. O primeiro é quando este escritor expõe a questão do mundo árabe, que para ele sempre esteve atuando como elemento de resistência ao colonial, mas não prega um ideal de nação comum aos países da África.¹¹

O segundo ponto importante, é o que Fanon define como sentimento racial, que tende à “racializar as suas reivindicações” no plano cultural africano, o que de certa maneira, restringia e cerceava o debate às questões culturais, esvaziando os elementos necessários para a construção do nacional quando limitava a participação ao debate em relação aos negros.

O terceiro ponto de crítica de Fanon é juntamente um desdobramento do segundo ponto, pois, como ele demonstra em seu discurso, a “elaboração do conceito de *négritude*”, vai gerar uma perspectiva de “sociedade cultural do mundo negro” e isso, dizia respeito a uma gama de países completamente diferentes.

Para ele, demonstrar que há uma singularidade nos negros espalhados pelo mundo todo (principalmente com elos aos Estados Unidos) fez com que a questão cultural

¹¹Vale lembrar que Fanon silencia ou pouco expõe sobre a questão do pan-arabismo em seu ensaio.

descentralizasse das movimentações políticas (FANON, 2006: 249)¹². É justamente sobre isso que Fanon vai se debruçar a partir de então.

Neste segundo momento da análise do discurso de Fanon irá buscar-se compreender como ele se utiliza da crítica ao conceito de negritude, para estabelecer os valores que devem figurar, de acordo com seu pensamento, os elementos para uma identidade nacional.

A negritude encontrava assim o seu primeiro limite nos fenômenos que explicam a historicização dos homens. A cultura negra, a cultura negro-africana se fragmentava porque os homens que se propunham a encarná-la percebiam que toda cultura é, primeiro, nacional e que os problemas que preocupavam Richard Wright ou Langston Hughes eram fundamentalmente diferentes de Léopold Senghor ou Jomo Kenyatta. (FANON, 2006: 250)

Por essa lucidez da crítica de Fanon percebe-se que ele tinha grande lucidez a respeito da fragilidade do conceito de *négritude*, sobretudo, porque este não englobava as especificidades dos negros através das generalizações que este carregava.

Como já destacado, o Segundo Congresso de 1959 foi o momento em que isso ficou muito mais claro na medida em que o debate sobre a constituição do nacional tomou novo rumo, como se pôde ver na análise do discurso de Léopold Senghor.

Outro ponto conseguinte que é preciso ressaltar na visão de Fanon sobre o nacional está no que ele (e uma gama de teóricos da África de expressão francesa apontam) delimita como “tomada de consciência” do colonizado.

Essa conscientização diz respeito especificamente a uma elite intelectual, segundo Fanon. Por isso, Fanon expressa que o colonizado precisava da ajuda do povo para a construção deste nacional (FANON, 2006: 251).

De maneira bem direta, o intelectual da revolução argelina expõe que há uma grande dualidade do discurso e mesmo de uma identificação dúbia, que ele exemplifica como o “senegalês e francês”, ou “argelino e francês” (FANON, 2006: 252).

Esse jogo estabelecido por ele, diz respeito a uma construção do nacional que é dúbia, pois, está intrinsecamente ligada ao contexto de colonização e à própria alienação que a metrópole promovia.

¹² Interessante que Fanon vai explicar que no Congresso de 1956 as questões dos negros norte-americanos eram similares aos da África, mas neste momento elas já divergiam, pois, eram as formações dos Estados Nacionais. In: FANON, Frantz. Os condenados da Terra. Op. Cit.

A crítica dos intelectuais que estão no cerne dessa questão da dupla identidade como seria o caso de Senghor é algo explícito na narrativa de Fanon. Assim, através da análise do discurso vê-se que o universalismo de Senghor foi caracterizado como uma relativização da *négritude* que não cumpriu um papel de evocação da luta política.

Em geral, não querendo ou não podendo escolher, esses intelectuais recolhem todas as determinações históricas que os condicionaram e se situam radicalmente numa 'perspectiva universal'. (FANON, 2006:252)

A partir daí, é possível perceber que Fanon critica a retórica da *négritude* e a falta de um engajamento político para as lutas de construção nacional. “Entretanto, é mais fácil proclamar que se rejeita do que rejeitar realmente” (FANON, 2006: 253).

A fala de Fanon cobra uma postura de ação política e demonstra uma preocupação com a identidade das matrizes culturais africanas, problematizando a questão do passado histórico dos povos da África, que parece ter sido apagado e os representantes das elites letradas seriam os responsáveis por lhe dar algum sentido.

Encerrando a análise do discurso de Fanon, vale ressaltar que ele tem uma visão crítica dos escritores coloniais que lhe antecederam e os que fazem parte de sua geração. Na perspectiva fanoniana, estes escritores fizeram parte de três momentos importantes na construção do que ele define como uma evolução do pensamento nacional, que será brevemente desenvolvida a seguir.

A primeira fase, segundo ele foi quando o colonizado deu provas de ter assimilado completamente “a cultura do ocupante”. Fanon ressalta que essa literatura surge a partir do momento que o colonizado entrou em contato com a cultura metropolitana. É o que Fanon chama de período assimilacionista. Fazemos uma ressalta para dizer que é possível afirmar que o próprio Fanon atravessou o seu momento de assimilacionista (FANON, 2006: 256).

A segunda fase, de acordo com Fanon, é quando o colonizado “fica abalado e decide lembrar-se” uma espécie de semi-despertamento, onde apesar do colonizado perceber que tem origens anteriores ao período colonial, ele ainda não está em contato direto com seu povo. Neste momento, o colonizado lembra-se de suas memórias, velhas lendas e podemos dizer, entra em contato com suas tradições, e vai lembrar-se de quem ele é. Segundo Fanon, esse é um momento de uma experiência de “morte”, de “náusea” (FANON, 2006:256).

O terceiro período, segundo o escritor, é caracterizado como de combate. É quando o despertar acontece por inteiro e o escritor colonial precisa não só agir, mas despertar o povo para uma “literatura de combate”, uma “literatura nacional” (FANON, 2006: 257). O pensador martiniquenho caracteriza esse papel de revelação do escritor colonial, que deve ter a função de direcionar o povo ao embate revolucionário, na divulgação da consciência nacional.

Este acaba sendo o elo para Fanon argumentar contra uma valorização extrema do campo cultural para a África Negra. É fundamental debruçar-se sobre a categórica afirmação de Fanon: “Mas o intelectual colonizado, cedo ou tarde, verá que não se prova a nação a partir da cultura, mas no combate que o povo trava contra as forças de ocupação (FANON, 2006:257)”.

Acredita-se que essa seja uma virada importante no texto de Fanon, pois, ele está dizendo muito bem o que pensa do campo da cultura, da literatura e da retórica como um todo. Ele está deixando os elementos culturais dizendo claramente que eles não representam mais a luta política e que não são tão fundamentais na discussão sobre a formação da nação e consequentemente de seus projetos (FANON, 2006: 267).

Por expor isso depois de explicar as três fases do pensamento do escritor colonial, tem-se que o autor de “Os condenados da Terra” quer chamar à intelectualidade presente no congresso ao combate de libertação nacional, na luta contra o colonialismo.

Avançando na sua análise, Fanon expõe que o escritor colonial quando retorna ao seu país não consegue se identificar com os valores culturais do povo à sua volta, o que demonstra que provavelmente, ele estava fazendo referência aos intelectuais da *négritude* como Senghor e Césaire. Estes escritores ao retornarem aos seus países acabaram sendo cooptados pelos partidos políticos para iniciarem um processo de reivindicação por mudanças nas estruturas político-sociais.

Fanon prossegue mostrando que o debate sobre o racial tomou um espaço muito maior do que o necessário para a conscientização nacional. De alguma maneira ele se posiciona fazendo parte da terceira fase, que é responsável de divulgar os ideais nacionais para o povo.

É necessário demonstrar que a trajetória de Frantz Fanon teve nesta exposição um ponto importante de definição dos seus ideais, caracterizando-o como um escritor que buscava

uma ruptura com os padrões intelectuais franceses. Entretanto, devemos lembrar que segundo Pap Ndiaye (NDIAYE, 2009: 387).

Fanon iniciou suas reflexões em “Pele Negra, Máscaras Brancas” tratando de mostrar a alienação promovida pelo colonizador, se apropriando da escrita francesa e dos ideais da intelectualidade negra norte-americana, da mesma maneira que os escritores da *négritude* fizeram (NDIAYE, 2009: 387).

Com certeza o papel de Fanon foi fundamental para direcionar uma nova geração de escritores que precisavam pensar os projetos de nação e que acabavam se engajando no discurso colonial como forma de ascender socialmente e nos quadros políticos de seus países.

Fanon, busca ao mesmo tempo desconstruir a noção de cultura aliada à tradição, como os escritores colonizados ainda faziam, mas também cria um conceito novo, que para ele era mais importante: o de consciência nacional. “Se a cultura é a manifestação da consciência nacional, não hesitarei em dizer, no caso de que tratamos que a consciência nacional é a forma mais elaborada da cultura (FANON, 2008: 269).”

Essa afirmação era uma espécie de convocação à luta pela construção do nacional, onde Fanon utilizava uma retórica, que buscava um direcionamento para os estudos das tradições africanas em cada país, focando um projeto nacional definido. De alguma maneira ele divulgava essa fórmula, que apresentava o escritor colonial como um responsável pela mudança que seria necessária para se recriar uma consciência nacional dentro de cada realidade de cada território africano.

Entre Senghor e Fanon – Considerações Finais

O escritor nigeriano Abiola Irele, no seu “Réflexions sur la Négritude” (IRELE, 2002:141-160) , faz uma retomada das críticas e do próprio Movimento da Négritude caracterizando a importância do movimento como base ideológica da construção nacional.

Para a História da África sua produção intelectual é de fundamental importância, já que ele não faz uma apologia da *négritude*, mas mostra exatamente que ela atendeu uma demanda em um determinado momento para os escritores africanos e estudiosos da colonização. De maneira provocativa poderia dizer-se que Fanon teve acesso a essa produção

escrita e atuou em desconstruí-la, autodefinindo-se como pertencente a uma nova geração intelectual (IRELE, 2008: 258-260).

Abiola Irele defende que a *négritude* como perspectiva filosófica cumpriu um papel fundamental na definição dos anseios de uma elite letrada. Essa elite intelectual se imaginava (e se posicionava) como responsável por fornecer as diretrizes de uma formação acadêmica e mesmo política dos colonizados de toda a África de língua francesa.

A *négritude* como conceito oriundo do trabalho intelectual de Senghor (e mesmo com base nos questionamentos de Fanon), segundo Irele não deve ser deixada de lado, pois, sua inovação representou uma tentativa de fundar um novo humanismo, que seria adaptado aos povos negros na África, construindo-se como uma nova narrativa histórica para os negro-africanos, cunhada por eles próprios.

Cabe ao historiador da África contemporânea repensar o que foi feito com este conceito e de que maneira desqualificando-o desconstruiu-se toda uma empreitada literária, filosófica e ideológica do ex-colonizado no mundo de excessão ao qual fazia parte. Além disso, tomando-o como um conceito determinado em um período específico da história da África e da colonização vê-se como ele forneceu os subsídios ideológicos para a construção do nacional nos territórios que estiveram sob a dominação francesa.

Referências Bibliográficas:

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- FANON, Frantz. Sobre a Cultura Nacional. In: *Os condenados da Terra*. Minas Gerais, UFJF, 2006.
- GUIBERNEAU, Montserrat. *Nacionalismos: O estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1996.
- HOBBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, Ed. Especial (Saraiva), 2011.
- IRELE, Abiola. Réflexions sur la Négritude. In: *Négritude et condition africaine*. Paris: Editions Karthala, 2008.
- _____. La Négritude ou Le Nationalisme Culturel Noir. In: *Négritude et condition africaine*. Paris: Editions Karthala, 2008.
- KESTELOOT, Lilyan. Chapitre 15: Présence africaine et le mouvement de la négritude, La FEANF et les deus congrès. In: *Histoire de la Littérature Négro-Africaine*. Paris: Éditions Karthala, 2004
- NDIAYE, Pap. La cause noire: des formes de solidarité entre Noirs. In: *La Condition Noire – Essai sur une minorité française*. Paris: Ed. Calmann-Lévy (Folio), 2009.

SENGHOR, Leopold. Elements constructifs d'une civilisation d'inspiration négro-africaine. In : *Presence Africaine – Deuxième Congrès des Écrivains et artistes noirs (Tome I – L'Unité des Cultures Négro-Africaines)*. Paris : Presence Africaine , 1959. Pg. 249.